

Por **Leonardo Sanchez**
(Folhapress)

Sob o sol que faz arder o sertão nordestino, uma disputa entre um coronel e um cangaço mancha a terra de sangue. Tiros voam de um lado para o outro, embora sejam apenas uma amostra mais óbvia de uma violência que toma diversas formas. Armas são o menor dos problemas da protagonista de “Guerreiros do Sol”, castigada pela miséria, a injustiça e as palavras disparadas pelos homens ao redor, num sertão em que a figura do “cabra macho”, montado no cavalo e com revólver na cintura, é incontestável.

Terceira novela original do Globoplay, plataforma de streaming da Globo, a trama de 45 episódios estreia nesta semana construindo uma ponte entre as violências do presente e aquelas do sertão nordestino entre os anos 1920 e 1930, época em que Lampião e seu bando reinavam.

Ao seu lado, Maria Bonita também aterrorizava os sertanejos, num relacionamento com traços de abuso, segundo muitos pesquisadores, embora romantizado. Tornaram-se figuras míticas, um Bonnie e Clyde brasileiro, e agora inspiram o casal protagonista de “Guerreiros do Sol”, Rosa e Josué - papéis de Isadora Cruz e Thomás Aquino.

“O cangaço é um movimento muito ímpar, que só aconteceu naquele lugar, naquela época. Vimos ali a possibilidade de fazer um melodrama”, dizem George Moura e Sérgio Goldenberg, autores da novela, que já assinaram séries como “Onde Nascer os Fortes” e “Amores Roubados”.

“É para entreter as pessoas, mas também para dizer que aquele Brasil arcaico, palco de uma guerra, dialoga muito fortemente com o nosso presente. “Guerreiros do Sol” é uma tentativa de olhar para o passado para compreendermos as contradições de hoje. Por isso descrevemos a novela como uma história de amor ambientada numa guerra, a guerra de formação do Brasil moderno”, afirma Moura.

“Guerreiros do Sol” acompa-



Josué (Thomás Aquino) e Rosa (Isadora Cruz) em ‘Guerreiros do Sol’

Amor ENTRE balas

‘Guerreiros do Sol’ repensa cangaço a partir da mulher e denuncia violência do sertão

nha um amor que floresce em meio à aridez do sertão nordestino, com suas desigualdades e a ausência do Estado. Vizinha de um rico e poderoso latifundiário, a mocinha Rosa decide se casar com ele, ciente de que a vida não lhe reserva grandes coisas e apesar de estar apaixonada por Josué, igualmente pobre.

Eles deixam escapar uma dança num forró, porém, e o ciúme impele o coronel - encarnado por José de Abreu - a travar uma guerra contra Josué. Ameaças se transformam em morte e, para vingar uma desgraça pessoal, o mocinho e seus irmãos se tornam cangaceiros.

Não é um spoiler dizer que a protagonista e narradora logo vai pegar em armas também, em busca de suas próprias vinganças. Assim,

Rosa vai se aproximando de Maria Bonita - uma mulher forte num mundo violentamente misógino, que chama a atenção pela beleza.

“Guerreiros do Sol” tomou emprestado o nome e a pesquisa do livro de Frederico Pernambucano de Mello, historiador que serviu de consultor da novela. Moura e Goldenberg, porém, caminharam rumo à ficção, justamente porque “cada opinião dada entre os especialistas do cangaço acende uma centelha”, dizem, em referência às versões díspares do movimento e da relação entre Lampião e Maria Bonita.

“Rosa tem uma visão crítica sobre o cangaço e a sua participação naquilo, mas ela e Josué, apaixonados, foram impelidos a se tornarem

cangaceiros, para sobreviver mesmo”, diz Moura.

“Eu não entrei no cangaço por maldade minha, mas pela maldade dos outros”, sintetiza bem o mocinho, num dos episódios, pegando emprestada a fala atribuída a Lampião, perseguido na juventude pelos coronéis e as forças policiais corruptas do interior de Pernambuco.

Já Rosa foi, claro, pensada à imagem de Maria Bonita. Mas foi a cangaceira Dadá, Isadora Cruz conta, quem mais a inspirou. Única mulher a empunhar um fuzil no bando de Lampião, ela foi casada com Corisco, o segundo no comando, e ganhou a alcunha de Suçuarana do Cangaço. Apesar do sadismo do marido, Dadá com frequência intervia para poupar a vida

de inocentes.

“A Rosa traz um novo olhar sobre uma história muito masculina, muito violenta”, diz a paraibana, que quer desafiar o arquétipo da mocinha de novela. “Existe nela uma sensibilidade para os problemas da época. Queremos mostrar os dois lados da moeda, a dicotomia do cangaço, porque até hoje há quem ame e quem odeie. Como a política, que tem polarizado e dividido tanto a sociedade.”

Por ser uma novela pensada para o streaming - mais tarde, deve estreiar na TV aberta, mas com cortes -, “Guerreiros do Sol” tomou liberdades que não seriam vistas na programação linear da Globo. A violência da história, aqui, é gráfica, com balas furando a carne e fazendo jorrar sangue. Também há menos pudor em relação ao sexo, com seios e nádegas dando mais crueza ao sertão.

Numa cena, Rosa se masturba deitada na rede, com seus gemidos entrecortados pelo forró da noite anterior, quando dançou colada a Josué. “Tá passando mal?”, pergunta sua irmã, encarnada por Alice Carvalho, do outro lado da porta.

Para os autores, “Guerreiros do Sol” continua sendo essencialmente uma novela, principalmente por causa de sua veia melodramática - e apesar de já estar inteiramente gravada, ter menos núcleos de personagens, ser uma produção de gênero e ter apenas 45 capítulos. O termo “série”, porém, escapa aqui e ali nas entrevistas que a equipe vem dando. Para o espectador, “Guerreiros do Sol” talvez esteja mais próxima de uma grande produção de faroeste hollywoodiana, ou dos filmes de Glauber Rocha, do que das picuinhas de Odete Roitman e Maria de Fátima, de “Vale Tudo”.

Independentemente do recorte de gênero, o que importa mesmo é manter o cheiro brasileiro, afirma Isadora Cruz. “Enquanto há gente vendo filme de cowboy no meio-oeste dos Estados Unidos, fascina, admirando a cultura estrangeira, nós temos acontecimentos tão interessantes quanto na nossa própria história. É um universo muito brasileiro, que nos ajuda a entender quem somos.”